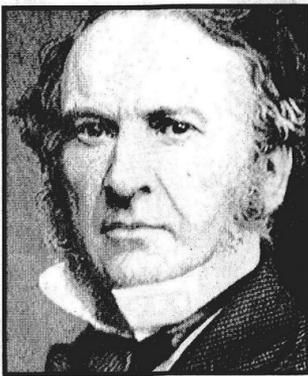


Os cães de caça da história

Dificuldade americana de promover a liberdade na China desafia convicções surgidas com o final da Guerra Fria

The Economist



Dois linhas de política externa de direitos humanos: os liberais Woodrow Wilson e William Gladstone e os realistas Kissinger e Disraeli (da esq.)

E a história está do lado dos liberais ou dos realistas?

Discordar de alguém sobre economia é normalmente apenas questionar seus poderes de análise. Mas discutir com uma pessoa sobre direitos humanos acaba frequentemente questionando sua moralidade. Na Inglaterra vitoriana, o mestre de indignação moral foi Gladstone. Em 1876, indignado com as atrocidades dos turcos contra os cristãos na Bulgária, ele liderou uma campanha por intervenção européia coordenada nos Balcãs, junto a panfletos e comícios de massa. "Não existe canibal nas ilhas do mar do sul", trovejou ele, "cuja indignação não emergiria e não explodiria no recital daquilo que foi feito." Para Disraeli, o primeiro-ministro conservador da época, a postura moral de Gladstone era intolerável. Reservadamente, chamou Gladstone de "um maníaco sem princípios". Em público, disse que a pior atrocidade búlgara que conheceu foi o panfleto de Gladstone sobre o assunto.

Uma das principais razões de Gladstone conseguir agitar a opinião pública era que naqueles tempos, como agora, os eleitores receavam que a política externa de seu país os envolvesse em atos maléficis de uma nação estrangeira. Assim como os britânicos modernos criticam seu governo por vender armas à Indonésia, que tem um histórico sangrento no Timor Leste, os vitorianos também perguntavam como a Inglaterra poderia ser aliada dos turcos brutais.

Os diplomatas da época, como os de agora, responderam com alegações de interesses nacionais. O governo de Disraeli estava adotando uma política pró-turca para compensar o poder da Rússia e proteger os interesses imperiais britânicos. Em uma guinada que parece peculiarmente contemporânea, o vazamento de um telegrama de embaixada acirrou as paixões populares. O embaixador britânico na Turquia teria afirmado que o interesse da Inglaterra em manter a Turquia forte "não foi afetado pela dúvida sobre se foram 10 mil ou 20 mil mortos".

Os realistas modernos, lamentando as críticas a que são sujeitos, às vezes vêem a pressão popular como um novo fenômeno. Mas mesmo a causa célebre das atrocidades búlgaras não foi o primeiro exemplo. Castlereagh foi desprezado pelos radicais do seu tempo. Shelley escreveu:

"Encontrei-me com Assassínio no caminho - / Usava uma máscara como Castlereagh - / Muito calmo parecia, porém sombrio; / Sete cães de caça o seguiam: / Todos eram gordos; e bem poderiam / Estar em excelente condição. / Porque um por um, e dois por dois, / Ele lhes lançava corações humanos para mastigar / Que do seu amplo manto tirava." O ataque moderno simplesmente não está à altura.

Para muitos liberais, Henry Kissinger é a personificação da política estrangeira amoral, assim como Castlereagh o foi. Mas Kissinger também é um dos poucos diplomatas a tentar articular uma base moral para políticas realistas. Como acadêmico, o primeiro livro de Kissinger foi um estudo favorável dos esforços de Metternich e Castlereagh para restabelecer a ordem internacional na Europa pós-napoleônica. Quando entrou no governo Nixon, prometeu friamente

"expurgar nossa política externa de todo o sentimentalismo".

Na opinião de Kissinger, Metternich tinha restabelecido a paz na Europa do século XIX com base no equilíbrio de poder e num acordo das grandes potências de aceitar a legitimidade mutuamente. Idéias parecidas influenciaram a própria tentativa de Kissinger de reduzir as tensões da Guerra Fria por meio de distensão com a União Soviética e o reatamento de laços com a China. No que diz respeito a Kissinger, a ameaça militar soviética era uma fonte legítima de preocupação; o

bastidores). E, de novo, defende que construir uma relação funcional com os chineses para manter um equilíbrio de poder é mais importante do que pressionar mudanças na política de direitos humanos do país. Sua máxima referente à União Soviética - "Não manter a distensão refém de melhorias no tratamento dado por Moscou ao seu próprio povo" - poderia resumir sua posição em relação à China.

No momento, a política dos Estados Unidos relativa à China parece estar oscilando em um rumo "kissingeriano". Tendo sido eleito com a

uma nova ordem mundial que transcendesse as tradicionais políticas de grande potência e desse mais ênfase à segurança coletiva, democracia e autodeterminação. Contudo, até o biógrafo de Wilson, que lhe é favorável, Arthur Link, observa que a sua fé no milagroso poder da democracia às vezes o levava a "avaliações ilusórias e soluções quixotescas".

No fim, os compatriotas de Wilson rejeitaram a participação na Liga das Nações, que ele acreditava ser a chave para uma nova ordem mundial. Henry Lodge, um senador que se opôs à Liga, comentou que a política americana deveria ser baseada na natureza humana "como ela é, e não como deveria ser". Contudo, apesar de Wilson ter sido derrotado, sua crença de que os Estados Unidos deveriam promover a liberdade, democracia e autodeterminação ficou sendo o veio dominante na retórica americana e uma parte - frequentemente uma grande parte - de sua política estrangeira.

Doutrinas

Os direitos humanos raramente pareceram tão importantes quanto durante o governo de Jimmy Carter. Quando foi eleito em 1976, ele prometeu colocar a preocupação com os direitos humanos de volta à vanguarda da política estrangeira dos Estados Unidos, depois do ápice do realismo de Kissinger. As tentativas de Carter de afastar os Estados Unidos de alguns de seus aliados autoritários mais detestáveis foram minadas quando seus regimes foram substituídos por governos furiosamente anti-americanos no Irã e na Nicarágua. Os defensores de Carter poderiam responder com alguma justiça que a fonte de grande parte desse anti-americanismo está na disposição anterior dos Estados Unidos em identificar-se com governos repressivos. Mas a humilhação dos Estados Unidos na crise de reféns no Irã e o aumento de mergulhos soviéticos em aventuras no Terceiro Mundo reforçaram a impressão de que a política estrangeira de direitos humanos de Carter tinha enfraquecido os Estados Unidos. A eleição de Ronald Reagan em 1980 pareceu indicar o retorno ao realismo implacável.

Na prática, entretanto, longe de revelar que a busca de direitos humanos no exterior era fútil, o governo Reagan mostrou que era possível ter ambas as coisas - isto é, podem-se defender os direitos enquanto se ressalta o poder e o interesse nacionais. Reagan não foi um realista nos moldes de Kissinger. Ele se opunha à distensão. Ao contrário dos adeptos de Kissinger, que faziam distinção entre o comportamento interno e externo da União Soviética, os seguidores de Reagan viam as duas coisas estreitamente atreladas. A famosa frase - "o império do mal" - foi uma frase moral. A "doutrina de Reagan" procurou reverter o avanço dos governos apoiados pelos soviéticos com mais patrocínio aos "defensores da liberdade" ao redor do mundo.

O fato de que as credenciais democráticas dos "contras" nicaraguenses ou dos "mujahideen" afgãos foram disputados, para usar palavras suaves, levou algumas pessoas a suspeitar de que a doutrina Reagan fosse simplesmente a antiga política de poder camuflada de cruzada. Perto do fim de seu mandato, entretanto, Reagan conseguiu mostrar que o zelo america-

no poderia ser aplicado até aos aliados da extrema direita. Em 1987, a pressão americana contribuiu muito para impelir a Coreia do Sul autoritária, mas pró-Estados Unidos, em direção à democracia. Da mesma maneira, o governo Reagan estava disposto a puxar o tapete de Ferdinand Marcos nas Filipinas, apesar de suas impecáveis credenciais anticomunistas.

Futuro

A presidência de Reagan frisou que apoiar a liberdade poderia ser, com sucesso, o princípio central da política estrangeira americana, e que existiam meios de perseguir essa meta. No caso da doutrina Reagan, esses meios foram o apoio a guerras por procuração. No caso da África do Sul, as sanções comerciais, inicialmente desaprovadas pelo governo Reagan (mas, mesmo assim, assinadas pelo presidente), mostraram que havia instrumentos não-militares para defender os direitos humanos no exterior.

O colapso do comunismo na Europa em 1989 pareceu libertar os Estados Unidos das ambigüidades morais da Guerra Fria. Sem precisar travar uma luta global contra a União Soviética, os Estados Unidos poderiam ficar muito mais ineficazes em seu apoio aos direitos humanos no mundo. Não teriam mais que dizer de um ditador da extrema-direita que "pode ser um bastardo, mas é nosso bastardo". Francis Fukuyama, um funcionário do governo Bush, fez a famosa previsão sobre "o fim da história" quando as nações começaram a convergir para a democracia liberal. Tanto George Bush como Bill Clinton proclamaram que difundir a democracia seria meta principal da diplomacia americana.

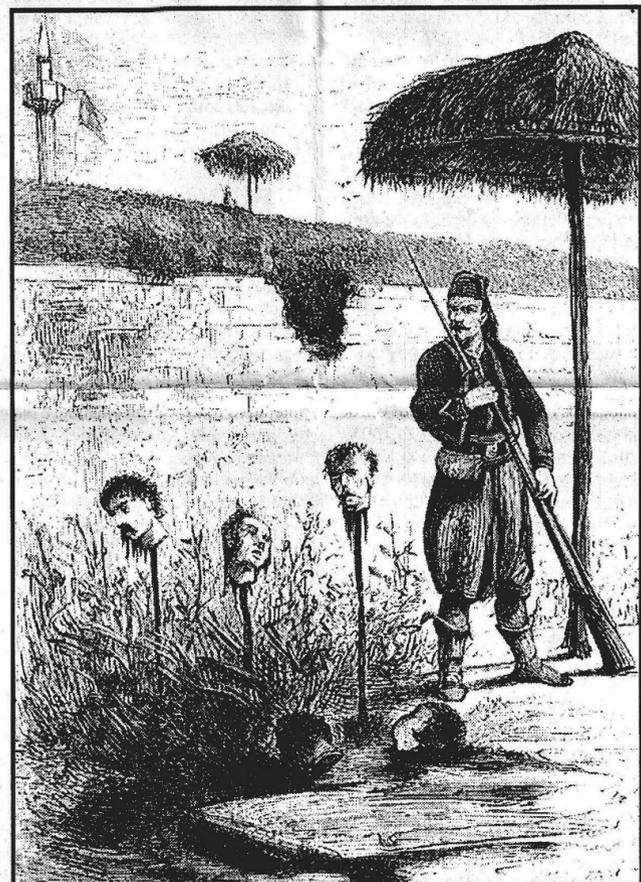
Mas a aparente incapacidade do Ocidente de obter grande progresso na promoção de direitos humanos na China afetou um pouco essa confiança. Autoridades do governo Clinton se refugiam agora na idéia de que a propagação da liberdade econômica na China trará futuramente, em sua esteira, a liberdade política. Isso é, em alguns aspectos, uma racionalização da inação sobre direitos humanos. Mas também se ajusta ao dogma do pensamento liberal - que encontrou longa resistência dos realistas - de que a história está do lado dos direitos humanos.

Os realistas tendem a pensar que os liberais não raciocinam bem. Kissinger escreveu recentemente: "A expansão da democracia continuará como aspiração dominante dos Estados Unidos, mas é necessário reconhecer os obstáculos que enfrentam no momento de seu aparente triunfo filosófico". Em sua opinião, as diferenças culturais no mundo, aliadas ao inevitável estremecimento entre centros de poder rivais, tornam a confiança na difusão da democracia uma ilusão perigosa.

Durante grande parte dos últimos dois séculos, a crença liberal na inevitável propagação dos direitos humanos e da democracia parece mais um ato de fé do que uma forma de análise. Mas, nos dias de hoje, parece que os realistas é que estão curiosamente relutantes em reconhecer o óbvio: que a democracia fez vasto e animador progresso nos últimos 25 anos.

As ditaduras européias entraram em colapso na Grécia, Espanha e Portugal em meados da década de 1970. A maioria das ditaduras da América Latina entrou em colapso na década de 1980. O comunismo caiu na Europa Oriental em 1989, o "apartheid" se foi e as ex-autocracias asiáticas como Taiwan e Coreia do Sul também ficaram mais democráticas. Desse modo, apesar de todos os protestos dos realistas, parece haver uma tendência nesse sentido.

De fato, uma das lições da história recente pode ser que a preocupação dos realistas com a política de equilíbrio de poder corre o risco de negligenciar as forças latentes que movem a história. Muitas das decisões de Kissinger - como o tratamento descoratado a Solzhenitsyn - agora parecem mal ponderadas. Os que consideram mau raciocínio defender a libertação de prisioneiros políticos poderiam refletir que o prisioneiro de hoje pode ser o presidente de amanhã. Pergunte a Nelson Mandela ou Vaclav Havel. Em tal clima, a fé na propagação de direitos humanos e a disposição em dar alguma ajuda a esse processo podem não ser uma ilusão liberal, mas uma ilusão realista.



tratamento soviético a seus dissidentes, menos. Kissinger até convenceu o presidente Ford a não receber Alexander Solzhenitsyn na Casa Branca, para não desagradar aos líderes soviéticos.

Kissinger nunca admitiu que suas políticas fossem, em algum sentido, amorais. Em vez disso, afirmou que a paz e a ordem eram pré-requisitos para a consecução de fins morais "porque os ideais mal poderiam florescer sob condições de guerra ou anarquia perpétuas". Nos seus discursos e escritos, Kissinger frequentemente insistiu em que considerações de direitos humanos deveriam de fato desempenhar um papel na formulação da política externa americana. Como seu biógrafo, Walter Isaacson, observa, no entanto, tais promessas sobre a importância dos direitos humanos eram normalmente seguidas por frases que começavam com "mas".

China

Inevitavelmente em um país tão repleto de ideais "wilsonianos" como os Estados Unidos, Kissinger se tornou um personagem controverso. Os conservadores aprovaram sua disposição de usar a força para proteger os interesses americanos, mas repudiaram seus compromissos com a União Soviética. Os liberais gostavam da idéia de melhorar as relações com a União Soviética, mas ficavam horrorizados com os regimes que Kissinger estava disposto a apoiar (o Xá no Irã, Augusto Pinochet no Chile).

Quando se trata do dilema central da política estrangeira hoje em dia - a política relativa à China -, Kissinger é novamente um personagem importante (deste vez, nos

Dilema

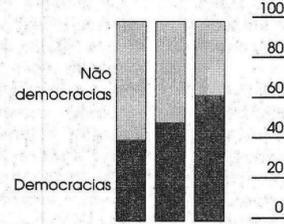
Desse modo, dois lados emergiram rapidamente no começo do século XIX: um preocupado com o papel dos direitos universais do homem na formulação da política externa, o outro preocupado com a ordem. Os dois lados persistem até hoje. Podem ser chamados de liberais e realistas.

Os liberais em política estrangeira (que podem não ser liberais em assuntos nacionais) tendem a ser intervencionistas otimistas. Acreditam que a história está do lado dos "direitos humanos", e que países como os Estados Unidos ou a Inglaterra deveriam estar preparados para dar um empurrão à história. Os liberais fazem pouca distinção entre moralidade pessoal e pública. Se é errado um indivíduo fazer algo, então também é errado o Estado fazê-lo. Na Inglaterra do século XIX, o santo patrono desse pensamento foi William Ewart Gladstone, o líder do Partido Liberal. Nos Estados Unidos, foi Woodrow Wilson, presidente de 1912 a 1920. Embora fossem diferentes em muitas maneiras, Jimmy Carter e Ronald Reagan foram herdeiros intelectuais do fervor moral de Wilson e de sua crença nos Estados Unidos como guardião e promotor da liberdade.

Os realistas são mais pessimistas sobre o progresso em assuntos humanos e acreditam que os Estados vivem segundo regras morais diferentes das dos indivíduos. Vêm o poder e não o princípio como a força propulsora dos assuntos internacionais. Evitar conflitos desnecessários é uma meta importante dos

Pelo povo

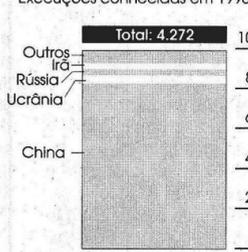
Formas de governo - porcentagem de todos os países



Fonte: Freedom House

Pela espada

Execuções conhecidas em 1996



Fonte: Anistia Internacional